



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

1

I Caderno do EIP 2021/2022



Programa de Pós-Graduação em
Estudos Literários
Faculdade de Ciências e Letras
do Campus de Araraquara



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/00500/2020



PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

2

Encontro Internacional de Poesia (1. : 2021 : Araraquara, SP)

E56i

I Caderno do EIP 2021/2022: I Encontro Internacional de Poesia – 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto / I Encontro Internacional de Poesia; Araraquara, 2021 (Brasil). –

Documento eletrônico. - Araraquara : FCL-UNESP, 2022. –

Modo de acesso: <https://www.encontrodepoesia.com.br/>.

ISBN 978-85-8359-079-8

1. Poesia. 2. Literatura. 3. Poesia -- Estudo e ensino. I. Título.

CDD 808.1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Camila Serrador da FCLAr – UNESP.



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

62

MINHA PÁTRIA É MEU FILHO E MINHA BIBLIOTECA: A POESIA RESPONSIVA DE ROBERTO BOLAÑO

**My homeland is my son and my library: Roberto Bolaño's
responsive poetry**

ANDRÉ CARNEIRO RAMOS⁴²

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

⁴² Mestre e Doutor em Literatura pela UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor da UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Passos (MG).



Resumo

Trataremos de *La universidad desconocida* (2007), obra que reúne a poesia de Roberto Bolaño (1953-2003), venerado romancista de *Los detectives salvajes* (1998), especificamente nas suas primeiras sete seções (correspondente ao biênio 1979-80), anunciadoras de sua visceral obra. Ao abordarmos essa busca do jovem poeta por novas epistemologias, que pudessem conferir materialidade à iconoclasta noção de resistência propagada pela literatura latino-americana, descobre-se um escritor de origem chilena e inquieta, que logo se trasladaria a um México poeticamente em ebulição, lugar a ser conquistado/explorado por ele sob o alicerce de uma ávida experiência leitora e escritora. A partir daí, ocorre seu enfrentamento com a Europa, paisagem inicialmente fechada, mas que não deixaria de se lhe ofertar igualmente à exploração e futuro reconhecimento. Não obstante, toda uma *desfiguração* da tradição em Bolaño assim se coadunaria à filosofia do ato responsivo de Bakhtin (1986), que tem o ser humano como centro de valor, em consonância com uma significativa cotidianidade, aliada a um amplo universo estético. Na escrita do autor de *2666* (2004), tais relações se evidenciariam sempre através de uma confluência entre ética e arte, memória e experiência, numa atitude criadora que responde ao urgente chamado da existência, resultando em provocativas e poéticas imagens.

Palavras-chave

Roberto Bolaño, Literatura latino-americana, metapoesia, Mikhail Bakhtin, ato responsivo.

Abstract

We will deal with *La universidad desconocida* (2007), a work that brings together the poetry of Roberto Bolaño (1953-2003), venerated novelist of *Los detectives salvajes* (1998), specifically in its first seven sections (corresponding to the biennium 1979-80), heralds of his visceral work. When we approach this search of the young poet for new epistemologies, which could give materiality to the iconoclastic notion of resistance propagated by Latin American literature, we discover a writer of Chilean origin and restless, who would soon move to a poetically boiling Mexico, a place to be conquered/explored by him under the foundation of an avid reading and writing experience. From then on, he faced Europe, a landscape that was initially closed, but which would not fail to offer himself equally to exploration and future recognition. Nevertheless, a whole disfigurement of tradition in Bolaño would thus be in line with Bakhtin's philosophy of the responsive act (1986), which has the human being as the center of value, in line with a significant everyday life, allied to a broad aesthetic universe. In the author's writing of *2666* (2004), such relationships would always be evidenced through a confluence between ethics and art, memory and experience, in a creative attitude that responds to the urgent call of existence, resulting in provocative and poetic images.

Keywords

Roberto Bolaño, Latin American Literature, metapoetry, Mikhail Bakhtin, responsive act.



Escrever para não morrer

Pois 2666 parece ter sido pensado para continuar para sempre, enquanto ele quisesse escrever. Essa triste porção de injustiça serviu lindamente a Bolaño, para morrer no auge de seus poderes aos cinquenta anos de idade. A perda do escritor e de seus escritos nos nega um dos segredos do mundo.

Patti Smith

Quando se lê pela primeira vez um texto de Roberto Bolaño (1953-2003) uma das sensações que se pode ter é a estranheza, proveniente de inúmeras fricções. E outros escritores seguem surgindo em nossa cabeça, acompanhando o chileno em suas afinadas provocações: gênios que enfrentaram a escrita desbastando caminhos, enfrentando o território ferrenho da linguagem sem nunca deixarem de oferecer aos leitores essa entrega à literatura feito um pacto de amor à humanidade.

Pensa-se, por exemplo, em Gustave Flaubert, Machado de Assis e Jorge Luís Borges; Fiodor Dostoiévski, Guimarães Rosa e Javier Cercas; Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade e Arthur Rimbaud. Nomes não necessariamente aleatórios. Reparem no padrão das menções: europeus e latinos, romancistas e poetas, convivendo a partir de temas dos mais diversos, unidos em torno do aspecto humano, em sua profundidade e finitude. Para cada um desses criadores, constata-se um valioso percurso no fazer literário, pacto responsivo que não apenas reflete beleza, mas refrata ideologias das mais diversas (VOLÓCHINOV, 2017). **A arte existe porque a vida não basta**, certa vez afirmou Ferreira Gullar com poética legitimidade.

E é justamente no campo da poesia onde primeiro se reconhece o desabrochar e impetuosidade do jovem Roberto Bolaño, engajado às questões políticas de seu tempo e lugar latino-americano – destaca-se aqui o seu segundo escape do país natal, Chile, fugindo da ditadura que intencionava tão abnegadamente combater; de certo modo, isso adensaria ainda mais uma posterior condição sua de desamparo, dado existencial e esteticamente importante em sua



biografia, a ponto de lhe servir como uma das bases a geração infrarrealista de poetas mexicanos, da qual foi um dos fundadores e seu mais fiel propagador.

Escrever para ele, em sua mocidade (como para além dela), em muito representaria o sonho mesmo de se viver para a literatura, com as outras cobranças da existência gravitando ao redor disso; nota-se, inclusive, que a partir desse *modus operandi*, a poesia de Roberto Bolaño chega a extrair substanciais elementos para a sua produção, atingindo um poético grau de relato em se tratando dessas (e de outras) experiências – muitas se correlacionando a diferentes autores por ele lidos e referenciados no próprio corpo do poema. Sobre o poeta chileno Nicanor Parra, por exemplo, menciona numa entrevista:

Todos mis textos – dice – me los planteo como un escrito donde prima el argumento, pero cada cuento tiene su reverso, ceñido con una disciplina de hierro, por una cuestión de economía. En el cuento de los detectives, el contraire era el poema “Saranguaco” de Nicanor Parra; su esquema, el diálogo imposible, una especie de diálogo loco. Así, podría haber escrito catorce novelas. Y, probablemente, catorce novelas infinitas⁴³. (KOHAN in: ABIADA & BERNASOCCHI, 2001).

Objetivando investigar essas possibilidades, nosso artigo levará primordialmente em consideração o conceito de ato responsável proposto por Mikhail Bakhtin (2017), que agregaria ao projeto literário do autor de *2666* (2004) um adensamento filosófico ligado à ética, algo que, associado à linguagem, coadunaria cultura e vida a partir de uma noção arquitetônica imanente às primeiras sete obras poéticas de sua lavra⁴⁴, configurando e fortalecendo, nesse processo, uma estética bastante própria e contumaz, que se abre para uma quantidade inimaginável de temas, vale registrar.

⁴³ Em todos meus textos – diz – me proponho uma escrita que prima pelo argumento, mas cada conto tem seu reverso, marcado com uma disciplina de ferro, por uma questão de economia. No conto dos detetives, o contrário era o poema “Saranguaco” de Nicanor Parra; seu esquema, o diálogo impossível, uma espécie de diálogo louco. Assim, poderia ter escrito catorze romances. E, provavelmente, catorze romances infinitos. (Tradução nossa).

⁴⁴ A saber: *La novela-nieve* (O romance-neve), *Guirault de Bornelb* (Idem), *Calles de Barcelona* (Ruas de Barcelona), *En la sala de lecturas del Infierno* (Na sala de leituras do Inferno), *San Roberto de Troya* (São Roberto de Troia), *Nada malo me ocurrirá* (Nada de mal me ocorrerá), *Tu lejano corazón* (Seu coração distante).



Tal procedimento envolveria, logo, variadas noções epistemológicas que formariam um conjunto de poemas que seria a mais completa evidência de um escritor em formação: sujeito-criador situado na História, revelador de uma total e sempre responsividade num devir transformador coadunado às perspectivas dialógicas e universais que fluem, com naturalidade, deste seu dizer ainda em construção, mas que já emularia ativas e marcantes proposições. Para Bakhtin:

O eu-para-mim constitui o centro da origem do ato e da atividade de afirmação e de reconhecimento de cada valor, já que este é o ponto singular no qual eu responsabilmente participo no existir singular – o centro operativo, o quartel-general da minha possibilidade e do meu dever no evento do existir, já que somente do meu lugar único eu posso e devo ser ativo (grifo nosso). (2017, p. 122-3).

Sendo desse modo, o problema que mais nos instigou nesta investigação se refere primordialmente à maneira como Bolaño se preocupava com sua dedicação à literatura não superficialmente, mas transformando-a num sentido mais amplo para si do que a própria vida; desse modo, o autor em muito aproveitaria sua experiência como leitor, adensando-se nesse processo, como também no da escrita, concebendo formas para um diálogo constante em sua poesia entre o eu-lírico e os receptores da mensagem. Nesse sentido, de que maneira isso ficaria nítido nos poemas escolhidos para análise? Como ele externalizaria em sua página poética a importância do **ato de ler** como ferramenta para se firmar na condição de escritor (e também leitor de literatura)?

Então, haveria na mencionada produção poética inicial do autor uma espécie de exercício de aprimoramento de sua voz criativa? (Algo que se tornaria mais evidente a cada publicação, até se cristalizar de vez na prosa, em romances como o aclamado *Los detectives salvajes* (1998)?

Neste artigo, por fim, averiguaremos como objetivo geral uma tentativa de compreensão um pouco mais alargada acerca de tais questões, ou seja, o questionamento: provocações que saltarão dos versos a serem destacados, como se segredos do mundo fossem; especificamente, o que veremos é todo um cuidado com o modo como Bolaño nos ensina desde o início de sua obra a sermos leitores de literatura. Expandindo um pouco mais a questão, tentaremos também avaliar



o estilo de escrita investigativa do autor, que como um **detetive**, seguiria propondo enigmas a partir de certos temas que, de tempos em tempos, reaparecem em sua prosa; abordaremos, pois, a forma como essa responsividade toda se ligaria ao fato de que sua escrita segue funcionando como a manutenção de uma latente memória, que se espraia de um tempo juvenil de fracassos e muita luta – constructo autoral que não deve jamais ser esquecido.

Sigamos com nossas considerações.

Escrever para se responsabilizar

Lá ia eu, de mãos nos bolsos descosidos;
Meu paletó também tornava-se ideal;
Sob o céu, Musa, eu fui teu súdito leal,
Puxa vida! a sonhar amores destemidos!

Arthur Rimbaud

E como encontrar esse Bolaño neófito e destemido, envolvido até o âmago com a literatura, feito um combatente da palavra, divulgando-a e, sobretudo, vivendo para ela (ou a partir dela)? Quando se lê a poesia contida nos anos iniciais de sua produção, registrada no livro *La universidad desconocida*, temos a sensação de que o escritor ali se embrenhava em muitos desafios, partindo deles como mote para suas incursões poéticas como se através delas dialogasse com o mundo, mas num solilóquio estranho, silenciosamente sem respostas. O poeta, no caso, estaria sozinho em seu testemunho, não se importando muito com isso. A companhia, um dia, haveria de chegar na forma de leitores. Por enquanto, a literatura, como uma velha senhora, talvez, acalantava seus sonhos e lutas.

Na entrevista que concedeu ao programa *La belleza de pensar*⁴⁵, ao ser indagado sobre o que para ele seria o fenômeno poético, Bolaño valorizou os jovens poetas como uma espécie de força-motriz para a poesia, coadunando o entusiasmo normal da juventude à necessidade de se dizer

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KLKzDmnnjtA>>.



coisas importantes, assim poetizando a vida e suas exigências mais gritantes, com muitos jovens se utilizando do discurso poético a fim de se demarcar uma insurgência contra o discurso daquele que teima em reger as coisas ao redor; desfigurando esse regramento, a pureza, que desde sempre envolveu nomes como Rimbaud e Lautréamont (vozes destacadas pelo próprio Bolaño como essenciais quando o assunto é poesia e juventude), é tamanha, a ponto de torná-los quase que **intocáveis**. Neles o destaque dessa perspectiva se direciona para o novo, não se intimidando frente às dificuldades e divergências cotidianas; no caso, essa tal ingenuidade seria mesmo muito bem-vinda, pois através dela a liberdade do criar se instauraria forte, revelando elementos que se associariam a um projeto estético, evidentemente, mas que não seria somente isso: percebe-se uma crescente experiência a compor cenários novos, onde a poesia adquiriria uma força inesperada.

Um ato de adolescente, que aposta o pouco que tem em algo que não sabe muito bem o que é e geralmente fracassa. No poema “Minha boêmia”, de Rimbaud (mencionado acima, em fragmento), surge um êxtase que, segundo Bolaño, é sentido por todos os escritores nem que seja por um átimo de tempo, e isso é algo definidor. A poesia, no caso, circularia por instâncias das mais diversas, sempre compartilhando esse êxtase, tornando-o uma realidade tanto na vida quanto na literatura, especialmente na prosa: Cada día menos jóvenes, / la fortuna con unos, / la pobreza con otros: / escribo versos, sueño / con una novela, [...] (in: INSUA, 2013, s/p).

Se pararmos para pensar, a vida de Roberto Bolaño sempre se pareceu com algo advindo da própria literatura. Esse detalhe é crucial para se começar a entender o processo de escrita do autor, que se entregava demasiado ao momento criativo como se tudo ao redor só fizesse mesmo sentido caso resultasse em uma página por ele preenchida, como se a vida estivesse ali, pronta para ser lembrada e, por assim dizer, registrada. E no cerne de sua poesia ocorre o mesmo procedimento, num primeiro esboço de tudo isso, com ele se reconhecendo como escritor, entregando-se ao gesto, procurando sua voz autoral – que passaria, num primeiro momento, pela compreensão de si e do mundo através de uma revelação poética (tanto na recepção por ele como leitor, quanto na que produziu sendo um iniciante escritor). Vejamos.

Quando a família do escritor resolve partir do Chile, justamente em 1968, rumo ao México, não sabemos ao certo o que os inspirou: se procuravam por melhores oportunidades de trabalho (seu pai era motorista e a mãe professora), ou se tentavam seguir adiante por conta da ebulição política em andamento na capital Santiago, com a militância marxista se fortalecendo através de



iniciativas sociais, como o dos *pobladores en lucha*⁴⁶, por exemplo. Essas vanguardas, digamos, partidárias, adensar-se-iam ainda mais por todo o globo a partir do atribulado e marcante mês de maio daquele ano⁴⁷. E para aqueles com as garras fincadas na América Latina isso se tornaria um crescente problema.

É sabido, pois, que antes do famigerado golpe que derrubou o governo de Salvador Allende (ocorrido em 1973), as lideranças revolucionárias chilenas enfrentariam desafios dos mais inusitados, como o estigma próprio que tinham de infalibilidade. Consideravam-se responsáveis pelo povo ao mesmo tempo em que nutriam sobre si um perigoso orgulho em relação às boas ações que praticavam, algo contrastante com qualquer ideal de libertação, diga-se, o que contribuía para o afastamento do povo em relação a essas liturgias ideológicas.

O fato é que talvez tenha sido esse um dos pretextos que levaram a família de Bolaño a migrar para o território mexicano⁴⁸. Todavia, no ano de sua mudança, 1968, o país escolhido vivenciaria uma de suas mais violentas experiências: o massacre de Tlatelolco, ocorrido durante um pacífico protesto estudantil na Praça das Três Culturas, na *Ciudad de Mexico*, contra o governo do conservador Díaz Ordaz. O saldo final dessa infâmia (os atiradores faziam parte de um batalhão comandado pelo próprio presidente), com centenas de mortos e mais de mil feridos, dentre estudantes, professores e demais trabalhadores e suas famílias, fixou uma mancha inextinguível de sangue na memória do México, em todos os que de lá de dentro vivenciaram essa barbárie.

Em meio a todas essas turbulências, um Bolaño moço (a essa altura com 15 anos), observa o mundo com olhos incautos, tentando compreendê-lo e se situar nisso tudo. E escolhe se refugiar nas bibliotecas públicas, tornando-se um ávido leitor de tudo o que lhe caía nas mãos, especialmente poesia e romances. O mundo lá fora estava conturbado, porém, o seu lado interno de leitor experimentava um deleite que lhe provocaria uma transformação definitiva: passaria a desejar fazer parte daquela experiência, e de modo mais substancial.

⁴⁶ Movimento social que lutava por melhores condições de moradia para os trabalhadores chilenos, retirando-os da precariedade dos acampamentos em que viviam. A ação procurava também auxiliar na mudança e adaptação deles para com os moradores já existentes nos conjuntos habitacionais mais próximos dos centros urbanos. Em tese, isso promoveria a valorização identitária desses trabalhadores, atenuando-lhes a invisibilidade social.

⁴⁷ A expressão **maio de 68** se consagrou como historicamente representativa dos questionamentos que os estudantes franceses expressaram em relação às problemáticas do período, como por exemplo a guerra fria, e sua consequente corrida armamentista; o capitalismo a se expandir desenfreado, com o crescimento do poderio das multinacionais; e a defesa da democracia, bem como das liberdades individuais na Europa. Esse sentimento de insurgência se espalhariá por quase todo o planeta, influenciando os países da América Latina a lutarem contra a repressão política, interna e externa, que sofriam.

⁴⁸ Isso daria uma pesquisa interessante, que deve ser realizada a partir de depoimentos dos parentes de Roberto Bolaño remanescentes no Chile.



Aqui devemos fazer uma ressalva. Depois de aproximadamente cinco anos no México, Roberto Bolaño, então com aproximadamente 20 anos de idade, decide regressar ao Chile a fim de auxiliar na ofensiva contra Augusto Pinochet, mandatário que tomou o poder em 11 de setembro de 1973 (fatídica data), com o apoio dos militares chilenos – e da própria CIA dos Estados Unidos –, instaurando uma ditadura que se estenderia até o início dos anos 90, resultando na morte de mais de três mil pessoas, bem como na tortura de mais de 40 mil. Podemos imaginar o quanto esse escritor, inexperiente, porém fortalecido em suas vivências e leituras, tenha se revoltado contra a situação política catastrófica de seu país natal. Ocorre que por lá acabou sendo preso, e só não foi executado porque, segundo ele próprio relatou em seu conto “Detetives”⁴⁹, seu carcereiro tinha sido seu colega de escola e o deixou escapar.

Como numa espécie de jornada do herói à Joseph Campbell (aqui, no caso, de um anti-herói), ao atender esse chamado, de certo modo Bolaño acerta contas com o seu país, sentindo-se liberto agora para novas experiências. Isso pode ser encarado como um rito de passagem, com o novíssimo escritor se lançando pioneiramente pelos caminhos da poesia, desejando se encontrar de vez na literatura.

A palavra na vida e a palavra na poesia⁵⁰

Mas uma luz que ninguém soube
dizer de onde tinha vindo
apareceu para clarear o mundo,
e outro anjo pensou a ferida
do anjo batalhador.
Carlos Drummond de Andrade.

Antes de prosseguir com as análises dos poemas escolhidos de Roberto Bolaño, faz-se necessária uma explanação sobre o conceito de ato responsivo proposto pelo teórico Mikhail

⁴⁹ Publicado em seu livro de contos intitulado “Llamadas telefónicas” (1997).

⁵⁰ Título de um livro de Valentin Volóchinov (2019), um dos principais membros do famoso Círculo de Estudos Bakhtinianos; autor do livro *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), obra que, por anos, teve sua escrita atribuída ao próprio Bakhtin.



Bakhtin. Muito associado aos estudos da linguagem, evidentemente, mas que transitou com seu intelecto por variadas áreas, como a história, filosofia, literatura, por exemplo, oferecendo sempre uma ampla visão acerca dos temas trabalhados. Tomemos contato com uma citação de seu primeiro livro publicado, *Para uma filosofia do ato responsável* (1920):

Eu posso viver como eu – em toda a unidade emotivo-volitivo do sentido desta palavra – somente sendo eu mesmo, único, em todo o existir; todos os outros eus (teóricos) não são eu para mim; por sua vez, este meu único eu (não teórico) participa do existir na sua singularidade: eu sou nele. Além disso, aqui são dados – inconfundíveis e indivisíveis – tanto o momento da minha passividade quanto o momento da minha atividade; eu me acho no existir (passividade) e eu participo dele ativamente; eu também sou dado a mim mesmo, tanto como dado, quanto como o que me é dado para realizar; a minha singularidade é dada, mas ao mesmo tempo ela existe apenas na medida em que é realmente atualizada por mim como singularidade, ela se dá sempre na ação, no ato, isto é, como o que me é dado para realizar [...]. (BAKHTIN, 2017, p. 97-8).

Depois desse impacto reflexivo, entram em cena modos de se preencher o vazio da existência, atribuindo-lhe um sentido (**tanto o momento da minha passividade quanto o momento da minha atividade**). Melhor dizendo, uma **singular** missão. A escrita inicialmente poética de Roberto Bolaño surgiria a partir de um pacto responsivo de si (do escritor empenhado – **eu sou nele**), para em seguida ir à procura do outro (**como o que me é dado para realizar**), os outros (leitores), que o recepcionariam do mesmo modo: com responsividade.

Esse processo todo, que culminaria numa espécie de encontro com nossa própria responsividade, não chegaria do nada em nossas vidas, como um objeto que nos foi previamente entregue. Toda essa singularidade seria, portanto, construída a partir do diálogo entre sujeitos e ocorrências igualmente singulares, que agiriam em nossas vidas transformando-as.

Desse modo, Bakhtin não considerava a literatura um mero pretexto de comprovação para suas teorias: por intermédio dela (com sua assistência reflexiva) seguiria investigando – em Dostoiévski, por exemplo –, o modo como as relações humanas se entrelaçariam e se desdobrariam



em frutíferas ocorrências, algumas delas reveladoras de uma noção primordial de responsividade, na medida em que tal noção até nós chegaria desfigurando toda e qualquer indiferença que, por teimosia, insistíssemos ainda propagar. Em *Crime e castigo* (1866) há uma curiosa passagem que muito bem ilustra a questão:

Há certos encontros com pessoas de quem nada sabemos, por quem começamos a nos interessar à primeira vista, como que de repente, súbito, antes que articulemos uma palavra. Foi exatamente essa a impressão que produziu em Raskólnikov o visitante que estava sentado à distância e parecia um funcionário público aposentado. [...] Era um homem já acima dos cinquenta anos, [...] o rosto escanhado à maneira dos funcionários, coisa que já não fazia há muito tempo, porque uma barba cerrada e cor de chumbo começava a apontar. [...] Mas estava intranquilo, eriçava os cabelos e, tomado de melancolia, apoiava vez por outra a cabeça nas mãos, com os cotovelos puídos sobre a mesa suja e pegajosa. (DOSTOIÉVSKI, 2019, p. 18-9).

Esse trecho nos apresenta o personagem Marmieládov, mas, de forma incisiva, descreve a percepção que Raskólnikov teve dele. A questão é que o leitor tem acesso a ela, compartilhando com o protagonista seu olhar inquieto e perscrutador, que agora tenta se aprofundar na fisiologia desse curioso homem. E parte do conhecimento que adquirimos acerca do próprio protagonista advém de suas impressões sobre Marmieládov; instaura-se assim, através dessas construções de personagens feitas pelo romancista russo, um expediente responsivo de fato, em relação ao modo como a literatura se torna um canal revelador da alma humana, como de suas vicissitudes. Para Bakhtin, logo, isso tudo pode e deve ser possivelmente emulado através da experiência artística, seja qual for, com vistas a se efetivar como um ato responsivo de fato, haja vista que “[...] ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade” (2017, p. 99).

Estamos até aqui compreendendo esse todo como detentores de uma singularidade que os forma, para, a partir daí, serem incorporados a um, digamos, constructo que representaria algo maior. Porém, esse algo maior dependeria de pequenas frações para se colocar de pé. Nesse momento é que se visualiza a importância de um agir empenhado na valorização dessas partes, no



entendimento delas, na compreensão de seus erros, com todo esse mecanismo necessitando de trocas, diálogos, entregas.

No caso da literatura, os autores, na condição de sujeitos que agem, por intermédio de seu engenho e arte, imantados por uma ética em seus respectivos devires, responderiam, desse modo, ao chamado da vida por intermédio de suas produções artísticas. Algo que tem tudo a ver com a obra de Roberto Bolaño como um todo, dolorosamente empenhada e responsiva naquilo que viveu e criou:

Escribir, escribir, escribir, hasta que la penuria revele su musa o la felicidad nos sorprenda en caída libre. Escribir como imperativo categórico de una búsqueda incesante, en un aula sin muros donde cada experiencia es susceptible de convertirse en literatura. Una literatura que se sumerge en las causas perdidas, que disecciona los sueños de una generación nuevamente perdida, que no teme abrir los ojos en medio de la pesadilla [...]. (INSUA, 2013, p. 31)⁵¹.

O que veremos a seguir, com a poesia de Bolaño em seus anos iniciais em Barcelona, caminhará nessa direção estabelecendo profícuas relações com os leitores, em especial na formação de uma concreta arquitetônica, isso em termos de uma **provocação constante de saberes**, algo não apenas conteudístico, registre-se, mas com vistas a uma ética envolvida nesse ato, nessa entrega, fator que se ergueria robusto na proposta autoral que se percebe, num processo meio que de se **ensinar como e para quem ler literatura**, em como tal atitude nos enriquece e faz companhia, numa sucessão de ativas possibilidades, a nos conectar com as memórias do mundo, bem como a vida ao nosso redor.

⁵¹ Escrever, escrever, escrever, até que a pobreza se revele como sua musa, ou a felicidade nos surpreenda em queda livre. Escrever como imperativo categórico de uma busca incessante, numa sala sem muros onde cada experiência é suscetível de se converter em literatura. Uma literatura que se submerge nas causas perdidas, rompendo os sonhos de uma geração novamente perdida, que não tem medo de abrir os olhos no meio do pesadelo [...]. (Tradução nossa).



Una larga y lenta Universidad

Já disse: sou lúcido.

Nada de estéticas com coração: sou lúcido.

Merda! Sou lúcido.

Álvaro de Campos.

Depois de ter vivido sua experiência revolucionária no Chile, Bolaño regressa ao México estimulado, no que somos levados a pensar, pela urgência de ele próprio produzir literatura. Ao conhecer o também jovem poeta Mario Santiago Papatzi, seus passos, um pouco mais firmes, levaram-no a fundar o celebrado movimento conhecido como infrarrealismo, de matriz um tanto surrealista, e que procurava desfigurar a narrativa institucionalizada que o realismo mágico capitaneava para a América Latina, ainda mais com a publicação de *Cem anos de solidão* (1967), de Gabriel García Márquez.

A questão é que no começo do infrarrealismo (1973), o realismo mágico já era tido como um movimento fundamental para a renovação estética do próprio gênero romance, e isso não somente na América Latina. Ocorre que a geração infrarrealista tinha como um de seus mais ferrenhos pressupostos a procura, através da poesia, por novas possibilidades de se atuar responsabilmente, rasurando as convenções da literatura; de forma iconoclasta, percebe-se uma valorização do cotidiano que adquire forma numa interface mais **chão**, conjugando poesia e vida. Em seus romances futuros, Bolaño contrastará a prosa de certos escritores consagrados nesse **real maravilhoso**, adotando um realismo austero, contrastado por vezes através de um humor zombeteiro e pessimista, sempre num arrojo ferozmente crítico.

Mas é evidente que nos anos iniciais de sua produção, a juventude, aliada a uma suprema vontade de agir, delinearia os mais entusiásticos caminhos, com sua poesia ainda impúbere se deixando mostrar junto à de seus companheiros infrarrealistas, num ímpeto de se seguir adiante, vivendo disso e para além das próprias limitações. Vale aqui a menção a uma estrofe baudelaireana, retirada do poema “O albatroz”: “O poeta se compara ao príncipe da altura / Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar; / Exilado no chão, em meio à turba obscura, / As asas de gigante impedem-no de andar”. (BAUDELAIRE, 1995, p. 108).



Contrariando esse relativo impedimento, expandindo a procura por si enquanto um poeta errante, Roberto Bolaño decide usar suas asas migrando, em 1977, para Barcelona. Tinha 24 anos, bastante jovem ainda, com muitas experiências a encarar (trabalhos esporádicos, falta de dinheiro, invisibilidade social, solidão) e compartilhar em seus escritos, e que muito se manteria a partir das leituras literárias que constantemente fazia, verdadeiros pilares de suas iniciais produções.

Como já mencionado, nosso recorte abordará uma pequena parte de seus poemas, escritos entre os anos de 1979 e 1980, originalmente encontrados em três cadernetas escritas à mão. O curioso são os seus títulos – **Diário de vida I, II e III** – oferecendo-nos a valoração que sua atividade literária, embebida por um tom de rebeldia que tão logo não mais se sustentaria por si só. Mas o que se nota é o sentido mesmo de minucioso relato, na valoração que sua escrita adquire, inclusive, como uma promessa dele para consigo, numa espécie de vital respiradouro.

A esta altura, podemos uma vez mais então correlacionar o autor com elementos de uma estrutura mítica para escritores, por exemplo, como a proposta por Christopher Vogler (baseada na citada obra de Joseph Campbell). Nessa linha, todo herói necessitaria de um problema externo, vinculado a outro interno, ou seja: poderia Bolaño, a partir de sua poesia desconhecidamente inaugural, agregar algum valor estético e ético aos leitores? Conseguiria ele ser lido, a ponto de transmitir com responsividade sua noção de conhecimento e amor pela literatura? O escritor sobreviveria neste mundo cão, tão somente a partir de sua entrega àquilo que amava fazer, no caso a escrita? Sua poesia sucumbiria às vicissitudes mercadológicas?

Distanciar-se da realidade para vê-la melhor. Bolaño, na condição de criador literário, um poeta inicialmente, teve essa preocupação, que Bakhtin chama de ato responsivo, numa perspectiva singular e social, que colocaria o autor em contato com uma luta salutar e benéfica, que quer se encontrar, se contradizer, sempre recorrendo a outros textos (no caso de Bolaño, literários sempre) e vivências que o cerca (em suas itinerantes experiências), como se estivesse, inclusive, colocando em prática os ditames essencialmente iconoclastas do movimento infrarrealista.

Neste primeiro momento, na Espanha, a coisa não foi fácil; ele configura algumas metáforas, como pesadelo e inferno, que de certo modo o faz dialogar com algumas questões da literatura, como a poética de Rimbaud, por exemplo, no modo como ele encarava a literatura como uma forma de vida, como ele se colocava dependente dessa literatura para seguir adiante.

Entretanto, vale se pensar numa questão proposta por Paul Ricoer, a partir da releitura que fez do conceito de **outramento**: “[...] a partir de que lugar, de que posição se vai falar? Da posição,



do lugar do terceiro, ou seja, desse outro que não é o próximo, mas o estranho, o distante [...]” (2008, p. 42).

Tentando resolver esse impasse, a poesia de Bolaño, na valorização que sua geração infrarrealista fazia, caminhava em direção de um ato responsivo que sobremaneira abarcaria esse estranho, esse diferente, numa participação desses indivíduos de forma efusiva na cotidianidade, num trajeto que levasse o artista ao encontro com esses leitores-formadores, presentes e futuros.

Tudo isso encontramos no ato responsivo de Bakhtin, e que resvalou para a poesia de Roberto Bolaño. Traremos a seguir algumas incursões dos sete primeiros livros que compõem *La universidad desconocida*. O primeiro deles intitula-se *La novela-nieve*.

Na obra, o poema que abre este que é o primeiro livro pertencente à citada coletânea, parece instaurar um pacto entre o poeta e o jovem Bolaño, que assim depositaria todas as esperanças neste seu lado ao mesmo tempo resiliente e quixotesco, com a literatura lhe oferecendo imagens através das metáforas percebidas, como a chuva, por exemplo, fazendo parte de sua espera, lavando as suas angústias:

Você espera que a angústia desapareça
Enquanto chove sobre a estrada estranha
Onde se encontra

Chuva: só espero
Que a angústia desapareça
Estou fazendo tudo o que posso
(BOLAÑO, 2021, p. 19).

Em seguida, o poema intitulado “Amanhecer” mantém como principal alegoria a chuva, que segue fazendo companhia ao eu-lírico, mas não somente ela: instaura-se com força inesperada, na paisagem mantenedora de toda pulsão vívida a existir fora de seu quarto; tais elementos contêm a essência fundamental daquilo que o poeta Bolaño desde sempre captaria em seus versos, com curiosidade e entrega. Estamos falando da cotidianidade, da esfera do comum a oferecer uma pungente e necessária realidade aos olhos de quem lê:



Acredite, estou no meio do meu quarto
esperando que chova. Estou sozinho. Não ligo
se vou terminar ou não meu poema. Espero a chuva,
tomando café e vendo pela janela uma bela paisagem
de pátios internos, com roupas penduradas e quietas,
silenciosas roupas de mármore na cidade, onde não existe
o vento e só se ouve ao longe o zumbido
de uma tevê em cores, observada por uma família
que também a essa hora, toma café reunida ao redor
de uma mesa: acredite: as mesas de plástico amarelo
se desdobram até a linha do horizonte, e além:
lá nos subúrbios onde se constroem prédios
de apartamentos, um garoto de 16 sentado sobre
tijolos vermelhos contempla o movimento das máquinas.
O céu na hora do garoto é um enorme
parafuso oco com que a brisa brinca. E o garoto
brinca com ideias. Com ideias e cenas estáticas.
A imobilidade é uma neblina transparente e dura
que sai de seus olhos.
Acredite: não é o amor que vai vir,
mas a beleza com sua estola de auroras mortas.
(Idem, p. 21).

Como se percebe, o poeta já se prepara encarando o amor como uma quimera; ainda assim, a beleza do chão pode conter inesperadas nuances. A menção ao **garoto** confirma a condição impúbere do poeta, que sabe de sua inexperiência, mas a utiliza como força diferenciada em seus escritos. A vontade de seguir adiante o guia.

Ele, como poeta, vai inserindo algumas figuras, como Ted Berrigan, poeta americano (1934-1993), que tinha como questão a preocupação com o emprego excessivo da forma na poesia como um embrutecimento do processo de escrita. Nesse poema, Bolaño nos apresenta esse poeta, nos faz pesquisar sobre sua biografia, a fim de que possamos entender quem ele foi e qual a sua



importância. Uma questão interessante: Bolaño nos instiga a pesquisar a literatura; ele a traz até nós através de sua poesia⁵²:

Faz 16 anos que Ted Berrigan publicou seus Sonetos. Mario passeou o livro pelos leprosários de Paris. Agora Mario está no México e *The Sonnets* numa estante que fabriquei com minhas próprias mãos. Creio que encontrei a madeira perto do asilo de velhos de Montealegre e fiz a estante junto com Lola. No inverno de 78, em Barcelona, quando ainda vivia com Lola! Já faz 16 anos que Ted Berrigan publicou seu livro e talvez 17 ou 18 que o escreveu e em certas manhãs, certas tardes, perdido num cinema de bairro eu tento lê-lo, quando o filme termina e acendem a luz.
(Ibidem, p. 61).

Esse Mario que é mencionado é o Papasquiari, seu companheiro que acabou se tornando um dos personagens detetivescos do seu romance mais famoso, o já citado *Los detectives salvajes*. Sua prosa tem muito dessa recorrência biográfica, e isso podemos encontrar do mesmo modo em sua poesia.

Sobre o poema a seguir, ficamos a imaginar quem foi esse Kürnberger? Coloca o nome e nós pesquisamos; escritor austríaco dos mais influentes do século XIX, conhecido por sua participação na revolução de 1848; começa a configurar essa revolução na 1ª parte do poema:

⁵² Passaremos agora a mencionar os poemas de Bolaño na tradução de Josely Vianna Baptista, feita para a edição de *A universidade desconhecida* lançada em 2021 pela Companhia das Letras.



Kürnberger. Quando a morte passeava
pelos reinos da Europa.
E nos bardos havia ânimo para
renovar a lírica. Sentado
numa câmara do castelo
que foi novamente sitiado.
E um poema de amor
de uma “soberana indiferença”.
Quando alguém, talvez um cortesão,
grita uma advertência inaudível
no final de um corredor de pedra
que outra vez se dilui
no cruzamento da morte
e do poema.
(BOLAÑO, 2021, p. 71).

Num dado momento entra numa visada poética de desfiguração da própria ideia de poesia que temos, que vai na direção das cantigas de amor por exemplo, que enaltecem a dama: aqui, o poeta não espera pela dama (esse, aliás, é o título do poema).

Na sequência, o livro *Guirault de Bornelh* tece uma espécie de trama medieva em seus liames:

Riem os trovadores no pátio da taberna
a mula de Guirault de Bornelh O trobar clus
e o trobar clar Contam que um catalão prodigioso...
A lua... Os lábios claros de uma menina dizendo em latim
que ama você Tudo longe e presente
Não publicarão nossos livros nem incluirão mostras
de nossa arte em suas antologias (Plágio
meus versos enquanto eu trabalho sozinho na Europa)
Sombra de velhas destruições A risada dos jograis
desaparecidos A lua em posição crescente



Um giro de 75 ° na virtude
Que suas palavras lhe sejam fiéis
(Idem, p. 87).

No livro *Calles de Barcelona*, percebe-se uma vez mais a preocupação de Roberto Bolaño em divulgar a literatura, dividindo suas descobertas com os leitores:

O pesadelo começa por aí, nesse ponto.
Adiante, em cima e embaixo, tudo é parte do
pesadelo. Não meta sua mão nesse vaso. Não
meta sua mão nessa floreira do inferno. Aí
começa o pesadelo e tudo que você fizer a partir daí
crescerá sobre suas costas como uma corcunda.
Não se aproxime, não ronde esse ponto equívoco.
Mesmo que veja florescer os lábios de seu verdadeiro
amor, mesmo que veja florescer umas pálpebras que
gostaria de esquecer ou recuperar. Não se aproxime.
Não gire ao redor desse equívoco. Não
mexa os dedos. Acredite em mim. Aí só cresce
o pesadelo.
(Ibidem, p. 95).

No exemplo a seguir, observa-se um sujeito que atua quase como um *homeless*, sofrendo de uma despersonalização; não diremos que Bolaño morou na rua na Europa, mas também passou pelo processo de despersonalização, e isso o auxiliou num encontro consigo mesmo, inclusive enquanto poeta. Costumo imaginar Bolaño, por vezes, como uma espécie de Jack Kerouac:

As noites que dormi entre rostos e palavras,
Corpos vergados pelo vento,
Linhas que olhei enfeitiçado
Nos limites de meus sonhos.



Noites geladas da Europa, meu corpo no gueto

Mas sonhando.

(BOLAÑO, 2021, p. 133).

81

No livro *En la sala de lecturas del Infierno*, pensamos muito no ato criativo de Roberto Bolaño, ele se entregando a ele e reforçando que esse ato criativo é a companhia que ele tem, a forma de ele se encontrar nesse inferno que pode ser a Europa, que para muitos é a redenção, mas para ele, no início, foi duro:

Já não há imagens, Gaspar, nem metáforas na zona

Policiais, vítimas, putas armadas

com refugos militares, bichas,

árabes, vendedores de loteria,

feministas que escrevem em seus quartos.

A desesperança. A fúria.

O entardecer.

(Idem, p. 147).

Nos versos a seguir, a dureza da vida se apresenta:

A violência é como a poesia, não se corrige.

Você não pode mudar a viagem de uma navalha

nem a imagem do entardecer imperfeito para sempre.

Entre estas árvores que inventei

e que não são árvores

estou eu.

(Ibidem, p. 155).



Nesta citação de Bakhtin, entendemos o quanto essa vivência se faz necessária, a ponto de o poeta nela se espelhar, dela retirando o fundamento para suas criações:

O desamor e a indiferença nunca geram forças suficientes para nos deter e nos demorarmos sobre o objeto, de modo que fique fixado e esculpido cada mínimo detalhe e cada particularidade sua. Somente o amor pode ser esteticamente produtivo, somente em correlação com quem se ama é possível a plenitude da diversidade. (2017, p. 129).

Essa plenitude da diversidade tem muita relação com o ato responsivo, pois o amor é mesmo a base para o ato. Na sequência, um poema que Bolaño dedicou ao seu filho Lautaro, intitulado “Biblioteca”:

Livros que compro
Entre as chuvas estranhas
E o calor
De 1992
E que já li
Ou que nunca lerei
Livros para meu filho ler
A biblioteca de Lautaro
Que deverá suportar
Outras chuvas
E outros calores infernais
Dessa forma, a ordem é esta:
Resistam, queridos livrinhos
Atravessem os dias como cavaleiros medievais
E cuidem de meu filho
Nos anos vindouros
(BOLAÑO, 2021, p. 805-6).



Desse modo, é bastante possível imaginar um Roberto Bolaño caminhante pelas frenéticas ruas de Barcelona, captando elementos da cidade com seu olhar sedento, prestes a verter no papel indóceis e abnegadas impressões. Ao observar os passantes, os prédios, o alarido das ruas e também o seu silêncio, algo dentro dele se agigantava, erigindo a arquitetônica de sua visceral entrega.

No poema “As sereias”, que integra o livro *San Roberto de Troia* – esse título sugerindo uma espécie de beatificação do poeta, só que num reino que existe somente no passado, bem como na imaginação dos escritores e leitores – nota-se uma atmosfera quase onírica, a resgatar mitos pretéritos ressignificando-os na valorização do esforço para se produzir poesia; escrever, apesar das intempéries (a metáfora da chuva até aqui é constante), dos gemidos lá de fora que o confundem; e uma névoa se instaura, ocultando sua voz poética, trazendo à baila uma indefinição e um desejo quanto ao seu reconhecimento futuro como escritor. A essa altura talvez isso já lhe fizesse falta. E como tudo é inconstante, esse seu reconhecimento se dará, talvez um dia, de forma perene e fugaz, como um círculo de gelo:

Ouve as sereias da noite?
Sim.
A neblina cobre o porto.
Mas são mensagens para você.
As sereias os cornos os gemidos da névoa.
Mas não sei o que você está tentando me dizer.
Talvez seja a voz de sua consciência.
Minha consciência pássaro enrouquecido.
A essa hora da noite?
Mas você ainda está escrevendo!
Coisas sem importância.
Papéis póstumos, o que vai te fazer ser amado?
Basta.
Amo agora.
Abro pernas e escondo meu pássaro.
Seu pássaro enrouquecido dentro da névoa.



Com quem tentará se comunicar?

É grátis.

É canto.

Daqui a muitos anos serei desejado

Como um círculo de gelo.

(Idem, p. 187).

Aqui, vale dizer que a noção mítica a envolver a imagem da Sereia muito se correlaciona ao que Maurice Blanchot desenvolve no primeiro capítulo de seu *O livro por vir* (2005). Esse canto defeituoso e enigmático seria a própria literatura, ao mesmo tempo inebriando e encantando os homens. Para Bolaño, em certa medida, todo esse mistério o mantinha de pé. Todavia, também lhe cobrava certos tributos, como a abnegação de incessantes leituras e entrega à escrita, uma vida dedicada a esse processo, à revelia de quase tudo. E esse canto torto e encantatório, essa voz nascente e enrouquecida, muito bem poderia igualmente representar sua paulatina aniquilação:

Todos os bens do mundo
passam rapidamente em sua memória

Salvo a fama e a glória

(E a fome e os olhos amados
que olharam para você com medo
e os automóveis parados
nas ruas fixas de
Barcelona)

Salvo a fama e a glória

(Ibidem, p. 199).

Num outro momento, a ideia da fugacidade da vida, das coisas, e até mesmo da literatura, é um tema insistentemente trabalhado neste livro. A poesia se instaura como um discurso



necessário e, por isso mesmo, arriscado a não ser ouvido/lido, muito por culpa de nossa temporalidade e seus implacáveis matizes. Os versos agora inexistentes dos poetas troianos representariam algo maior, resistente agora tal como conceito perdido, mas presente; Bolaño ansiava por isso: tornar-se literatura, mesmo que fadado à obscuridade, vivendo na Barcelona do século XX como um **admirável cidadão de Troia**. Vejamos o poema intitulado “Entre as moscas”:

Admiráveis troianos Na veteranice da peste
e da lepra Sem dúvida vivos No grau zero
da fidelidade Admiráveis troianos
que lutaram por Beleza
Percorrendo os caminhos semeados de máquinas
imprestáveis Minha métrica minhas intuições
minha solidão no fim da jornada
(Que rimas são estas? falei segurando a espada)
Presentes que avançam pelo deserto:
você mesmos Admiráveis cidadãos de Troia
(BOLAÑO, 2021, p. 201).

O que se percebe aqui é a instauração da literatura como uma forma necessária e substancial de vida, tão crucial a ponto de oferecer a quem dela necessita uma espécie de alimento, não somente para a alma, mas algo físico também, força que surge do mundo à volta do poeta, que se sente sugado e filtrado pela poesia, por exemplo, como também pela prosa, num contato fundador de toda essa expressão artística.

Essa visão, que pode parecer ingênua, funciona muito bem para os jovens poetas, como é o caso de Roberto Bolaño, com tal postulado se mantendo – claro que com as incontornáveis transformações advindas dos dissabores que a existência se encarrega de oferecer – e em certa ressonância ao longo de sua luta com a escrita. Considerado por muitos como um abnegado artista, que manteve uma grande produção até o fim de sua vida, isso nos faz pensar no quanto a literatura ainda guarda um poder mantenedor não somente para os escritores, relacionado às revelações epifânicas que a palavra oferece, mas na criação artística, quesito que se faz importante,



contemplando igualmente os leitores. Segue agora o poema intitulado “O dinheiro”, pertencente ao seu livro *Nada malo me ocurrirá*:

Trabalhei 16 horas no camping e às 8
da manhã tinha 2200 pesetas apesar de ganhar
2400 não sei o que fiz com as outras 200
acho que comi bebi cervejas e café com
leite no bar do Pepe García dentro do
camping e choveu na noite de domingo e toda
a manhã de segunda e às 10 fui atrás de
Javier Lentini e recebi 2500 pesetas por uma
antologia de poesia jovem mexicana que
vai sair em sua revista e já tinha mais de
4000 pesetas e decidi comprar um par de
fitas virgens para gravar Cecil Taylor
Azimuth Dizzie Gillespie Charlie Mingus
e comer uma boa bisteca de porco
com tomate e cebola e ovos fritos escrever
este poema ou esta nota que é como um pulmão
ou uma boca transitória que diz que estou
feliz porque há muito tempo eu não tinha
tanto dinheiro no bolso
(Idem, p. 233).

Como se nota, sua riqueza era o consumo da arte, no direito de se tornar próximo do lugar em que se sentia em paz. A paisagem poética bolañesca se compunha de inúmeras riquezas e variados alimentos. E sua fome era muita.

E podemos um pouco mais imaginar Roberto Bolaño, com os seus óculos indagadores, atuando em esporádicos trabalhos, fazendo um esforço e lutando pela subsistência, porque na vida não se sobrevive somente com poesia. Ao percorrer o camping em que atuou como uma espécie de zelador, o convívio com pessoas das mais diversas, a resolução de cotidianos problemas, assim



como o suor que lhe escorria da fronte, tudo isso cedia lugar à observação atenta que fazia levando-o para o abismo sempre; e ele queria esse contato, pois sentia falta desse enfrentamento: o que de mais encantador e assustador poderia nisso tudo existir? Essa luta com as palavras, seu ofício real, era o que lhe fazia respirar.

O que Mario estará fazendo no México?
Lembro de uma foto que ele me mandou
de Israel,
uma simples foto de cabine.
E seus olhos olhavam para o céu.
No verso: parte de uma canção
o céu está nublando
parece que vai chover
(Ibidem, 241).

No poema anterior, intitulado “Mario Santiago”, a preocupação com o amigo se revela como um sofrimento que lhe habita lá no fundo, pelo momento de inesperado e fundador lirismo que há tempos viveram no México. Saindo de lá, teve a incumbência de levar adiante o Infrarrealismo, poesia no osso, lirismo contemporâneo que arranhava a linguagem lírica de então, estabelecendo uma tensão que se auto justificava, pois para os poetas mexicanos dessa nova geração não haveria espaço para frases de efeito, mas, sim, versos defeituosos, numa luta com a linguagem a fim de que ela desse conta. Nesse caso, o risco é sempre inevitável e essencial.

Ora bem, nos versos finais do referido poema a chuva parece lhe dizer que o risco da vida agregada à poesia é uma vital necessidade: o poeta deveria se deixar molhar, pois poesia é, sobretudo, liberdade. A questão em Bolaño era uma reflexão que passou a lhe perseguir de maneira inelutável. De que maneira estaria realizando a divulgação e a manutenção de todo o projeto Infrarrealista? O risco ainda se mantinha? Ou teria a ele se afeiçoado a ponto de domesticá-lo em sua poesia?

Se quisermos compreender parte da poesia contemporânea, devemos pensar que a mesma postula um caráter muitas vezes de sonho, isso porque o pensamento e a ação se separam, ou seja,



o poeta desses sonhos deve se deixar conduzir pelas impressões visuais mais do que pelo ouvido ou pelo tato.

Nos poemas iniciais de Bolaño, ao longo de suas construções, percebe-se bakhtinianamente a renovação do tema da memória, em sua ligação com o presente que se vive, nostálgica pulsão que acentua a ordinariedade das coisas ao redor, ampliando fenomenologicamente os seus sentidos, cada qual com sua historicidade valorativa, agravando a consciência do poeta, assim como a de seus leitores.

Percebe-se, desse modo, o quanto Bolaño segue jogando com diversos signos e valores na construção de sua poética inicial, cujo centro de tensão é sempre o ser humano. Ele percorre a trilha da poesia tentando entender e ao mesmo tempo explicar toda essa intrincada humanidade, compartilhando conosco suas decepções e inquietações, momentos de luminosidade e espanto; temos aí a questão básica do anti-herói, com o poeta sendo o seu próprio mártir, para assim responder responsivamente ao chamado da existência, compondo ao mesmo tempo uma necessidade e uma obrigação, assumindo-se como sujeito ativo no processo, alguém que não simplesmente repete e reproduz, mas questiona e dialoga com a realidade, a partir das próprias (sobre)vivências, na relação sua com o mundo e seus sujeitos-partícipes; o poeta, assim, indubitavelmente se forma, constituindo-se do exterior a si próprio numa relação de alteridade com tudo o que lhe soa diferente, gerando tons de reflexiva provocação. Aqui, cabe uma citação sobre a noção de liberdade que envolve o ato responsivo de Mikhail Bakhtin, no nosso entendimento, praticado em ampla frequência e amor por Roberto Bolaño:

Podemos responder e construir a contemporaneidade de uma outra maneira. E essa resposta ao mundo da atualidade é o que nos garante a liberdade. Somente nessa esfera da liberdade que podemos garantir a construção de um novo olhar sobre o mundo. Um novo modo de nos relacionarmos no mundo. O olhar, de uma individualidade, deve se deslocar para a coletividade. O olhar, da memória do passado, deve deslocar-se para uma memória de futuro. O olhar, da arrogância, deve deslocar-se para a humildade. E por fim, o amor, da soma de individualidades, deve deslocar-se para um amor ao coletivo nas suas interações, nas suas relações vivenciais. (GEGe, 2010, p. 21).



No último livro a ser aqui mencionado, cujo título é *Tu lejano corazón*, continuamos a imaginar um solitário Roberto fumando seus cigarros e escrevendo, antes de se tornar o mito que é hoje (coisa que nunca almejou), na distância de seu projeto Infrarrealista, vivendo as incertezas sobre o futuro de sua literatura, bem como a de seus companheiros do passado mexicano que deixou para trás. Em meio a isso tudo, que importância teria a representatividade da morte?

Colinas sombreadas além de seus sonhos.
Os castelos que o vagabundo sonha.
Morrer no fim de um dia qualquer.
Impossível escapar da violência.
Impossível pensar em outra coisa.
Senhores magros louvam poesia e armas.
Castelos e pássaros de outra imaginação.
O que ainda não tem forma me protegerá.
(BOLAÑO, 2021, p. 285).

Nesse caso, a finitude pode significar um reinício, nova visada em sua luta literária; fim de um ciclo e começo de outro, com as dimensões oníricas de sua poesia se mesclando a um esforço quase que automático de escrita (a la Jack Kerouac, reafirmamos, em sua forma incessante e apaixonada de produzir os textos), rasgando, desse modo, a mortalha da tradição para assim expor o real; nesse esforço, o poeta se renova igualmente, mantendo-se vivo e atuante.

Finalizando este nosso passeio pelos primeiros sete livros de Roberto Bolaño, na sequência mencionaremos os poemas “No Distrito 5 com os cucarachas” e “Entre Friedrich von Hausen”, com a voz autoral do escritor se tornando cada vez mais perceptível, inclusive na preocupação com temas voltados para a afirmação de uma identidade latino-americana, seja na comunhão com seus irmãos latinos por exemplo, numa dinâmica que muito lembra a do filme *West side story* (1961) – com o poeta se misturando aos possíveis grupos rivais talvez, mas sem escolher um lado, atuando como fiel da balança entre as dissidências com os espanhóis –, seja na conflagração dos relâmpagos que riscam do mapa qualquer animosidade, transformando tudo ao redor em inevitável poesia:

No Distrito 5 com os cucarachas:



Você ainda lê os trovadores? Sim
Quer dizer: tento sonhar com
castelos e mercados Coisas do gênero
para depois voltar ao meu apartamento e dormir
Não há mal nenhum nisso
Vida há muito desaparecida
Nos bares do Distrito 5
gente silenciosa com as mãos
nos bolsos E os relâmpagos
(Idem, p. 289).

Em meio a essas pulsões, o jovem poeta Bolaño segue ensinando a ler literatura, como na recorrente atitude de apresentar aos leitores personalidades literárias (como é o caso de Friedrich von Hausen, poeta alemão do século XII, e Alfred Bester, escritor americano de ficção científica – este um dos gêneros favoritos do autor) nem tão conhecidas do grande público, mas que comporiam a própria história dos livros e da escrita: preciosos elementos incrustados na gigante montanha chamada literatura, com trilhas muitas vezes sinuosas e obscuras, é bem verdade, porém, ainda assim essenciais e dignas de registro:

Entre Friedrich von Hausen
o minnesinger
e dom juanito o supermacho
de Nazario
Numa Barcelona cheia de latinos
com grana e sem grana legais
e ilegais tentando
escrever.

(Caro Alfred Bester, pelo menos
encontrei uma das alas
da Universidade Desconhecida!)
(Ibidem, p. 299).



Nesse âmbito, sua voz autoral, prestes a alçar voos vigorosos também na prosa, firmava-se sem amarras a partir das experiências que acumulou em grande parte colecionando dores e dissabores, mas que o formaram como artista nos encontros e desencontros que teve consigo mesmo e sua escrita, agora encorpada e substancialmente direcionada ao encontro com essa **universidade** que é a literatura, ao mesmo tempo **desconhecida**, posto que indomável, mas convidativa e de mãos abertas também, acolhedora e produtora de um Bolaño agora mais seguro, prestes a abraçar de vez o seu destino.

Y ese canto es nuestro amuleto⁵³

- O caminho é a Pedra. O ponto de partida é a Pedra.
Se não entende estas palavras, você não começou a
entender ainda. Cada passo que você der será a meta.

Jorge Luís Borges.

Os grandes escritores são assim.

Um conto de Borges, *A rosa de Paracelso* (1968), muito sugere acerca dos temas dialogismo e ato responsivo, naquilo que a ideia de interação corresponderia à própria noção formadora de linguagem: eu vejo o outro e esse outro está dentro do meu texto. Eis aí a questão do chamado endereçamento. Bolaño bebeu muito da fonte do escritor argentino, bem como de outros geniais mestres, pavimentando sua estrada a partir desses valiosos pressupostos

Isso nos faz pensar sobre o porquê de Bakhtin caminhar na direção da literatura, ao realizar suas análises linguístico-filosóficas: porque ela possui um rico e dialógico acabamento. O teórico russo seguiria, portanto, de mãos dadas com as obras literárias de seu tempo a fim de compreender as questões filosóficas do ser humano, na certeza de que o estético nos leva ao ético: ao ler ou escrever um poema, por exemplo, o receptor e/ou produtor coloca-se neste ato de forma plenamente responsiva e atuante.

Nesse sentido, uma das perguntas que tentamos responder ao longo deste artigo foi a seguinte: por que Roberto Bolaño se lançou inicialmente como poeta?

⁵³ Frase final de seu romance *Amuleto* (1999), que inclusive é dedicado ao amigo Mario Santiago Papasquiaro (1953-1998).



A resposta é bem simples. Porque respondeu à vida, não de forma individualista, é um ato diante das coisas da vida, diante dos aspectos que vão entrando nele, então ele vai na palavra, o lugar é a palavra. Não é nem ele, senão seria um egoísta. Nem ele fica naqueles objetos, ou naqueles outros que o perpassaram, ele não fica num ponto fixo, nos outros, na alteridade. O lugar de encontro é fora de si: é na palavra. E é na palavra que ele consegue lutar, em que ele empreende uma luta diante desses saberes, desses conhecimentos, das suas vivências, então ele volta para si, a partir do que ele encontrou na palavra volta para si para se entender melhor.

É por essa via que o conceito de Mikhail Bakhtin sobre arquitetônica textual se estabelece nos poemas do nosso autor, demarcando inquietudes no leitor atento (conectado à vida), instigando-lhe uma apreciação ainda mais ampla de humanidade agregada à obra de arte (aqui, no caso, a poesia), ao mesmo tempo respondendo/provocando esse chamado, num convite às possibilidades plurais de entendimento/mudança.

Assim, nos versos iniciais de Bolaño, conforme se constatou, a presença de uma impúbere e diligente lucidez metapoética se faz notar na valorização do exercício de uma constante leitura, base elementar na formação de qualquer escritor. No caso dele, foi algo que se manteve incorporado ao seu dizer de forma aguda e não-indiferente, resultante de dialógicas relações que só se adensariam (especialmente na escrita de seus futuros romances), no pacto que firmaria não se contentando em reproduzir as tradições, mas colocando-as em xeque, questionando estigmas ao abrir espaços para a vigência dessa **desconhecida universidade**; a partir das próprias experiências, Bolaño substancialmente se formou e se consagrou por intermédio de todas essas mútuas e iluminadas trocas, a que também chamamos literatura.

Concluindo, o ato responsivo não se manifesta para responder ao chamado de um grupo apenas; cada um responde de uma forma, com vistas sempre ao bem da coletividade. Responder a certos grupos somente é, na verdade, um desamor. A poesia de Roberto Bolaño é o contrário disso, sendo entrega e doação, reflexão e fricção. Como ele próprio gostava de afirmar em relação ao primeiro romance de sucesso que escreveu, **Los detectives salvajes**: uma carta de amor à sua geração infrarrealista. E nós, seus encantados leitores, seguimos agradecendo.



Referências

- ABIADA, José Manuel López de; BERNASOCCHI, Augusta López. **Roberto Bolaño**: Estrella cercana. Ensayos sobre su obra. Madrid: Editorial Verbum, 2012.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, s/d.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos. Pedro e João Editores, 2017.
- BARROSO, Ivo (org. e trad.). **Arthur Rimbaud. Poesia completa**. Edição bilingue. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- BAUDELAIRE, Charles. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, 1995.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOLAÑO, Roberto. **Amuleto**. Barcelona: Anagrama, 1999.
- _____. **2666**. Barcelona: Anagrama, 2004.
- _____. **Llamadas telefónicas**. Barcelona: Anagrama, 1997.
- _____. **Los detectives salvajes**. Barcelona: Anagrama: 1998.
- _____. **A universidade desconhecida**. São Paulo: Cia. das Letras, 2021.
- BORGES, Jorge Luís. **La rosa de Paracelso / Tigres azules**. Espanha: Editorial Swan, 1968.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Ed. Pensamento, 2007.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e castigo**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe. **Palavras e contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- INSUA, Juan (org.). **Catálogo da exposição “Archivo Bolaño: 1977-2003”**. Barcelona: Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, 2013.
- PESSOA, Fernando. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Aguilar, s/d.
- RICOEUR, Paul. **Outramente**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2008.
- SMITH, Patti. **Linha M**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores**. São Paulo: Ed. Aleph, 2015.
- VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.